

The background of the book cover is a composite image. On the left, a modern glass skyscraper is shown at night, illuminated by spotlights. Several large, glowing gold coins with dollar signs are floating in the air around the building. A heavy metal chain is draped across the lower left portion of the image. On the right, a large wooden cross stands on a dark, rocky ground against a dramatic, fiery orange and red sky, suggesting a sunset or sunrise. The overall composition is split diagonally, with the modern building and coins on the left and the cross on the right.

QUANDO A IGREJA VENDE A ALMA

A Escravidão Evangélica
à Idolatria de Mamom

Rev. Alexandre Oliveira

Sumário

Sobre o autor	3
Prefácio	4
Capítulo 1 – A inversão fundamental: Quando a cruz vira mercadoria	6
Capítulo 2 – A raiz de todos os males: Anatomia da <i>philargyria</i>	15
Capítulo 3 – A impossibilidade de dois senhores: A antítese absoluta	27
Capítulo 4 – As consequências devastadoras: Quando a raiz mata a árvore	36
Capítulo 5 – Quando o púlpito se torna palanque: A prostituição política evangélica	47
Capítulo 6 – A mercantilização da Palavra: Quando o evangelho vira produto comercial	61
Capítulo 7 – O contraste com o discipulado autêntico: Servos sacrificiais ou CEOs corporativos?	71
Capítulo 8 – Vocações abandonadas e missões negligenciadas: Quando lucro determina obediência	79
Capítulo 9 – O chamado ao arrependimento: Voltando ao primeiro amor	87
Capítulo 10 – Conclusão: A escolha inevitável	91
Referências	95

Sobre o Autor

Rev. Alexandre Oliveira é pastor da Igreja Remidi, em Goiânia (GO), e membro da Missão Nasce, servindo no Brasil e em Moçambique. Com mais de 30 anos de ministério dedicados à pregação expositiva, à formação bíblico-teológica e ao cuidado pastoral em contextos urbanos e transculturais, é Mestre em Teologia, com ampla formação acadêmica em Letras/Inglês, Pedagogia, Psicopedagogia e TESOL. Atua também como professor e escritor, integrando rigor reformado, sensibilidade pastoral e compromisso com a missão da igreja. Fundador e diretor da Escola Bíblica Reformada Online (EBRON), tem servido à igreja de Cristo por meio de cursos, mentorias e materiais que visam recuperar a centralidade das Escrituras, a identidade Cristocêntrica da igreja e a fidelidade ao evangelho em meio às distorções contemporâneas.



Prefácio

Este livro não é simplesmente um ajuste de rota. É um chamado ao arrependimento.

Não trato aqui de questões periféricas sobre métodos ministeriais ou preferências administrativas. Exponho uma **apostasia funcional**¹ que contaminou extensas porções do evangelicalismo contemporâneo: a substituição de Deus por “Mamom”² como senhor efetivo de comunidades que insistem em se autodenominar cristãs.

Escrevo como pastor que ama a igreja de Cristo. Precisamente por esse amor, não posso permanecer calado diante da mercantilização do evangelho, da construção de impérios

¹ O termo "**apostasia funcional**" refere-se a uma forma sutil de afastamento da fé cristã que não envolve necessariamente a negação formal ou intelectual das doutrinas bíblicas, mas sim um abandono prático dos princípios de Deus na vida cotidiana. Diferentemente da apostasia clássica, que é o repúdio total e deliberado da fé, a apostasia funcional mantém uma aparência de ortodoxia doutrinária enquanto compromete a obediência e fidelidade a Deus na prática. **Características da Apostasia Funcional:** A apostasia funcional manifesta-se quando um cristão ou igreja professa crer em Deus com os lábios, mas o nega com suas ações e prioridades de vida. Trata-se de uma forma de mundanismo onde os princípios bíblicos são substituídos por valores seculares, satisfazendo apenas os desejos carnis. Esta condição pode incluir: Materialismo prático: Servir a “Mamom” enquanto professa servir a Deus, colocando as riquezas e o sucesso material como prioridade funcional acima do Reino de Deus; Conformidade ao mundo: Adotar costumes, valores e práticas seculares que contradizem os fundamentos da Palavra de Deus; Esfriamento espiritual: Manter a religiosidade externa, mas perder a vitalidade da fé, o zelo pela santidade e a dependência de Deus; Idolatria funcional: Permitir que outras coisas (carreira, relacionamentos, entretenimento, política) ocupem o lugar que deveria ser exclusivo de Deus no coração.

² “**Mamom**” é um termo que significa "riqueza", "dinheiro" ou "posses acumuladas", usado na Bíblia para representar o domínio que as riquezas materiais podem exercer sobre a vida humana. Não se trata de uma pessoa, espírito ou divindade específica, mas da personificação do poder e da confiança depositados nas riquezas. Origem Etimológica: A palavra “Mamom” (em Hebraico ממון e em grego μαμωνάς) é de origem aramaica. O termo deriva provavelmente da raiz aramaica מם, que carrega o sentido de algo "confiável", "certo", "seguro" ou "colocado em segurança".

eclesiásticos sobre fundamentos de ganância e da deformação grotesca da mensagem bíblica transformada em técnica de enriquecimento material.

Este é um grito profético contra uma geração de líderes que trocaram o chamado pastoral pelo mercado religioso corporativo, que substituíram o serviço sacrificial pela construção de marcas pessoais lucrativas e que transformaram a casa de oração em máquina geradora de receita.

Vi isso acontecer ao longo de três décadas de ministério. Vi pastores fiéis serem seduzidos pela promessa de "expandir o ministério". Vi igrejas simples se tornarem corporações preocupadas com crescimento numérico e fluxo de caixa. Vi o evangelho ser adulterado até se tornar irreconhecível. E vi, com tristeza profunda, a igreja de Cristo sendo prostituída no altar de "Mamom".³

Que Deus use estas palavras para despertar consciências adormecidas, confrontar corações endurecidos pelo amor ao dinheiro e chamar Seu povo de volta à fidelidade radical ao Evangelho de Jesus Cristo.

Soli Deo Gloria

³ Mesmo etimologicamente não sendo um "deus", o uso deste termo acaba por personificar e criar um ambiente de idolatria, veneração ao seu sentido mais visível: riqueza, poder, acúmulo etc.

Capítulo 1: A Inversão Fundamental

Quando a Cruz Vira Mercadoria

A igreja cristã foi estabelecida sobre o fundamento de Cristo crucificado, cuja vida exemplificou perfeitamente o esvaziamento de Si mesmo em favor dos outros. O apóstolo Paulo declara em sua carta a Timóteo: “De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada trouxemos para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes.” (1 Timóteo 6:6-8, NAA).

Observe a ironia deliberada de Paulo: a verdadeira fonte de lucro (*porismós*) não é a busca por riquezas, mas a piedade (*eusebeia*) acompanhada de contentamento (*autarkeia*). Eis o evangelho invertido. Nossa cultura evangélica contemporânea busca lucro financeiro que gera insaciabilidade crescente; o evangelho autêntico oferece contentamento espiritual que constitui ganho verdadeiro e duradouro.

Contudo, significativa parcela do meio evangélico contemporâneo inverteu esta equação fundamental. Onde deveria haver contentamento, encontramos apetite insaciável por mais. Onde deveria haver serviço sacrificial, observamos busca sistemática por proeminência. Onde deveria haver dependência radical de Deus, testemunhamos confiança sofisticada em estratégias mercadológicas e acúmulo progressivo de capital.

A Realidade Invertida

Permita-me descrever padrões que qualquer observador atento do evangelicalismo brasileiro reconhecerá como reais e amplamente presentes.

O Padrão da Opacidade Financeira Sistemática

É comum em igrejas de médio e grande porte a ausência completa de transparência financeira real. Membros contribuem fielmente — muitos sacrificialmente — com dízimos e ofertas substanciais, mas nunca têm acesso a relatórios detalhados sobre o emprego desses recursos. Quando questionam, recebem respostas evasivas, são desencorajados de "causar divisão" ou são sutilmente marginalizados como pessoas "sem visão espiritual para compreender as estratégias de Deus".

Esta opacidade contrasta radicalmente com o padrão bíblico estabelecido desde a igreja primitiva. Em Atos 6:1-6, diáconos foram escolhidos especificamente para administrar recursos de forma transparente e justa, respondendo a toda comunidade. Paulo insistiu em ter testemunhas idôneas quando transportava ofertas para Jerusalém (2 Coríntios 8:18-21), declarando explicitamente: "Pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, mas também diante dos homens."

A Escritura ordena transparência financeira não como opcional, mas como exigência de integridade ministerial. A pergunta permanece incômoda: por que tantas igrejas contemporâneas resistem ativamente à transparência que a Palavra de Deus exige?

Percebe-se ainda manipulação e camuflagem de dados reais por dados fictícios, tentando assim encobrir a verdade — pois, se

revelada e acessada, causaria perda nas "receitas". Isso é maquiavélico, perverso e não tem nenhuma ligação com o Evangelho de Cristo.

O Padrão do Estilo de Vida Flagrantemente Incompatível

Observa-se com frequência crescente líderes de mega igrejas cujo padrão de vida é flagrantemente incompatível com qualquer conceito razoável de "salário pastoral digno". Residências luxuosas em condomínios de alto padrão, veículos importados de valor substancial, viagens internacionais frequentes em classe executiva, roupas e acessórios de marcas caríssimas, férias em resorts exclusivos onde tudo é documentado orgulhosamente em redes sociais.

Quando questionados sobre a origem dos recursos para manter tal padrão de vida, as explicações variam: "investimentos pessoais bem-sucedidos" (nunca detalhados), "heranças familiares" (convenientes, mas não verificáveis), "bênçãos de Deus sobre minha fidelidade nos dízimos" (teologia duvidosa aplicada autosservilmente) ou, vagamente, "outras fontes legítimas de renda" (sem especificação).

O contraste com o Novo Testamento é gritante e inescapável.

Paulo trabalhou como fabricante de tendas para não ser peso financeiro às igrejas (Atos 18:3; 1 Tessalonicenses 2:9). Pedro e João eram conhecidos por sua simplicidade econômica notável: "Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou..." (Atos 3:6). Jesus viveu em simplicidade radical, declarando: "As raposas

têm suas tocas e as aves do céu têm os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça." (Mateus 8:20).

Não estou argumentando que pastores devam viver em pobreza. A Escritura ordena claramente que: "Devem ser considerados merecedores de pagamento em dobro os presbíteros que presidem bem, especialmente os que se esforçam na pregação da palavra e no ensino." (1 Timóteo 5:17). Sustento pastoral digno, adequado e confortável é bíblico, necessário e justo.

Mas há diferença objetiva entre "sustento digno" e "acumulação de riqueza pessoal substancial". Há diferença clara entre "viver confortavelmente" e "viver luxuosamente como executivo de corporação multinacional".

Algo descaradamente explícito neste contexto é a realidade de que os "grandes líderes" dessas "corporações religiosas" vivem nesse luxo, mas seus subalternos — os que trabalham para manter a luxuosidade da casta superior, espalhados nas congregações — vivem sob a mais dura realidade de baixos salários e exploração ao máximo. Quem conhece sabe que isso acontece nestes arraiais megalomaníacos de luxuosidade.

Esta diferença precisa ser honestamente confrontada pela igreja contemporânea.

O Padrão da Marca Pessoal Altamente Lucrativa

Tornou-se padrão amplamente aceito líderes evangélicos construírem marcas pessoais extremamente lucrativas que

funcionam paralelamente à estrutura eclesiástica (ou utilizando seus recursos). O modelo é reconhecível e previsível:

- Ganham proeminência inicial através de pregação carismática em igreja local;
- Expandem influência via redes sociais, livros populares, conferências pagas;
- Criam "ministérios" pessoais com CNPJ próprio: editoras, gravadoras, institutos, consultorias;
- Monetizam sistematicamente através de eventos pagos com ingressos caros;
- Lançam produtos continuamente: livros, cursos online, "mentorias espirituais", mercadorias com sua imagem;
- Vivem progressivamente como celebridades seculares: viagens internacionais constantes, hotéis de luxo, isolamento por seguranças;
- Justificam teologicamente todo esse padrão citando seletivamente Abraão, Salomão ou versículos sobre prosperidade.

O problema fundamental não é ministério ampliado legitimamente ou uso sábio de tecnologia para alcançar mais pessoas. O problema surge quando o ministério deixa de ser primariamente sobre proclamar Cristo e passa a ser primariamente sobre construir plataforma pessoal lucrativa. Quando a motivação dominante migra de "servir ao Reino de Deus" para "maximizar receita e influência pessoal", cruzamos a linha da idolatria que Paulo chamou de *philargyria*.

O Padrão da Teologia Seletiva Financeiramente Motivada

Observe cuidadosamente como certas ênfases teológicas são sistematicamente priorizadas enquanto outras são sistematicamente evitadas em ambientes onde crescimento financeiro institucional é prioridade dominante:

Temas Pregados Frequentemente (porque mantêm pessoas contribuindo generosamente):

- Prosperidade material como sinal primário de bênção divina e fidelidade;
- Dízimo como "princípio espiritual de multiplicação financeira";
- Ofertas como "sementes" que garantem matematicamente "colheita" multiplicada;
- Vitória, conquista, domínio, sucesso em todas as áreas da vida;
- "Profetizações" personalizadas de bênçãos materiais específicas;
- Autoajuda e pensamento positivo com verniz bíblico superficial;
- "Decretação" e "determinação" de prosperidade e bênçãos.

Temas Evitados Sistematicamente (porque desafiam conforto e diminuem ofertas):

- Cruz, sofrimento, perseguição como experiências normais na vida cristã (2 Timóteo 3:12);
- Abnegação radical, mortificação do pecado, santificação progressiva e dolorosa;
- Contentamento verdadeiro em qualquer circunstância, inclusive pobreza (Filipenses 4:11-13);
- Advertências severas e explícitas sobre amor ao dinheiro (1 Timóteo 6:9-10);

- Julgamento divino iminente e necessidade de arrependimento profundo;
- Responsabilidade concreta e sacrificial pelos pobres, viúvas, órfãos (Tiago 1:27);
- Justiça social bíblica e denúncia profética de opressão econômica.

Esta seletividade hermenêutica não é acidental nem ingênua. É calculada e financeiramente motivada. Mensagens que desafiam amor ao conforto material tendem comprovadamente a diminuir ofertas e afastar frequentadores (e suas contribuições). Mensagens que prometem retorno financeiro tendem comprovadamente a aumentar contribuições substancialmente e atrair multidões.

Quando decisões sobre o que pregar são influenciadas — mesmo que inconscientemente — por cálculos de impacto financeiro previsível, não por compromisso inabalável com a totalidade da revelação bíblica, o evangelho foi adulterado. A igreja deixou de servir a Deus e passou a servir “Mamom”.

A Inversão Teológica Fundamental

Esta não é crítica superficial a questões administrativas, preferências metodológicas ou estilos ministeriais diversos. É denúncia teológica séria de apostasia funcional: a substituição de Deus por “Mamom” como senhor efetivo de comunidades que mantêm cuidadosamente toda a linguagem ortodoxa, mas praticam sistematicamente idolatria descarada.

João Calvino identificou com precisão o coração humano como "uma fábrica perpétua de ídolos" (*perpetua idolorum fabrica*)⁴, reconhecendo nossa propensão inata e universal de substituir o Deus verdadeiro por representações falsas que servem nossos próprios interesses egoístas. Esta tendência idolátrica não se manifesta apenas em estatuetas físicas ou imagens visíveis, mas primordialmente em conceitos mentais distorcidos e prioridades práticas que contradizem fundamentalmente a revelação bíblica.

A manifestação contemporânea mais perigosa desta idolatria não é o paganismo explícito e facilmente identificável, mas a religiosidade aparentemente cristã que mantém cuidadosamente toda a linguagem ortodoxa, toda a confissão doutrinária correta, toda a atividade eclesial regular, enquanto serve secretamente e funcionalmente a outro deus. É o evangelho sistematicamente adulterado que promete prosperidade material em vez de conformidade progressiva a Cristo crucificado. É a igreja transformada estruturalmente em corporação que existe para maximizar receita institucional e influência social. É o ministério reduzido funcionalmente a técnica sofisticada de crescimento numérico e construção de marcas pessoais altamente lucrativas.

Quando a igreja vende sua alma a "Mamom", mantém toda a aparência externa de piedade enquanto nega internamente seu poder transformador. Canta louvores a Jesus nos domingos enquanto serve "Mamom" de segunda a sábado. Prega sobre o Reino

⁴ CALVINO, João. As Institutas da Religião Cristã. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. Livro I, Cap. 11, §8.

de Deus enquanto constrói impérios pessoais. Fala sobre cruz e abnegação enquanto acumula riquezas e busca ostentação.

Esta é a inversão fundamental que deveria envergonhar e aterrorizar a igreja contemporânea: substituímos o Servo Sofredor que se esvaziou voluntariamente por um "deus" que promete enriquecimento. Trocamos a cruz pela plataforma de autopromoção. Abandonamos o evangelho de Paulo por um evangelho irreconhecível que os apóstolos condenariam como heresia destruidora.

STOTT, John. **O cristão contemporâneo: um chamado à integridade**. 5. ed. São Paulo: ABU Editora, 2012.

TAYLOR, Michael J. The Price of Prosperity: Evangelicals and the Theology of Affluence. **Journal of Religious Ethics**, v. 27, n. 2, p. 315-340, 1999.

TOZER, A. W. **A busca de Deus**. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

TOZER, A. W. **Deus conhece os que são seus**. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

WYCLIFFE GLOBAL ALLIANCE. **2025 Scripture Access Statistics**. 2025. Disponível em: <https://wycliffe.net/2025/08/25/2025-scripture-access-statistics/>. Acesso em: 22 dez. 2025.